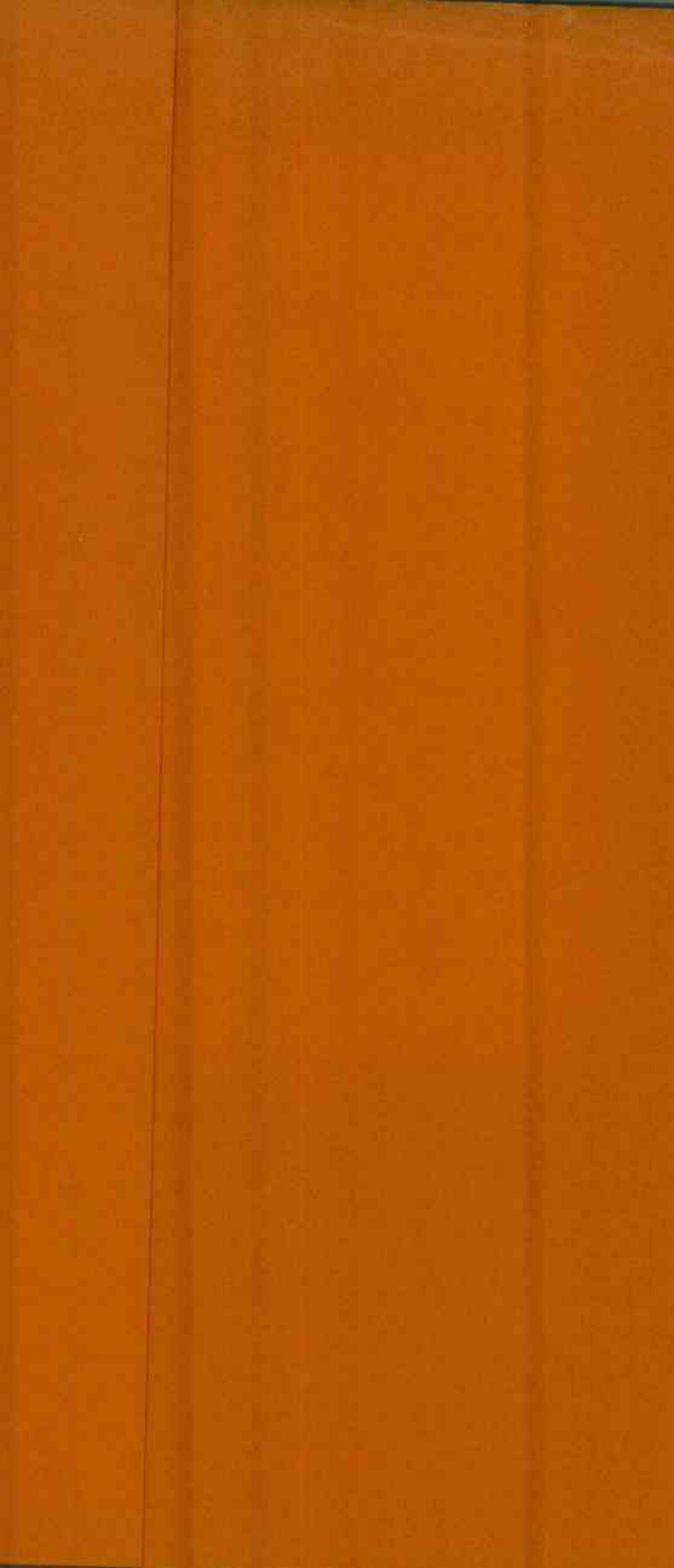


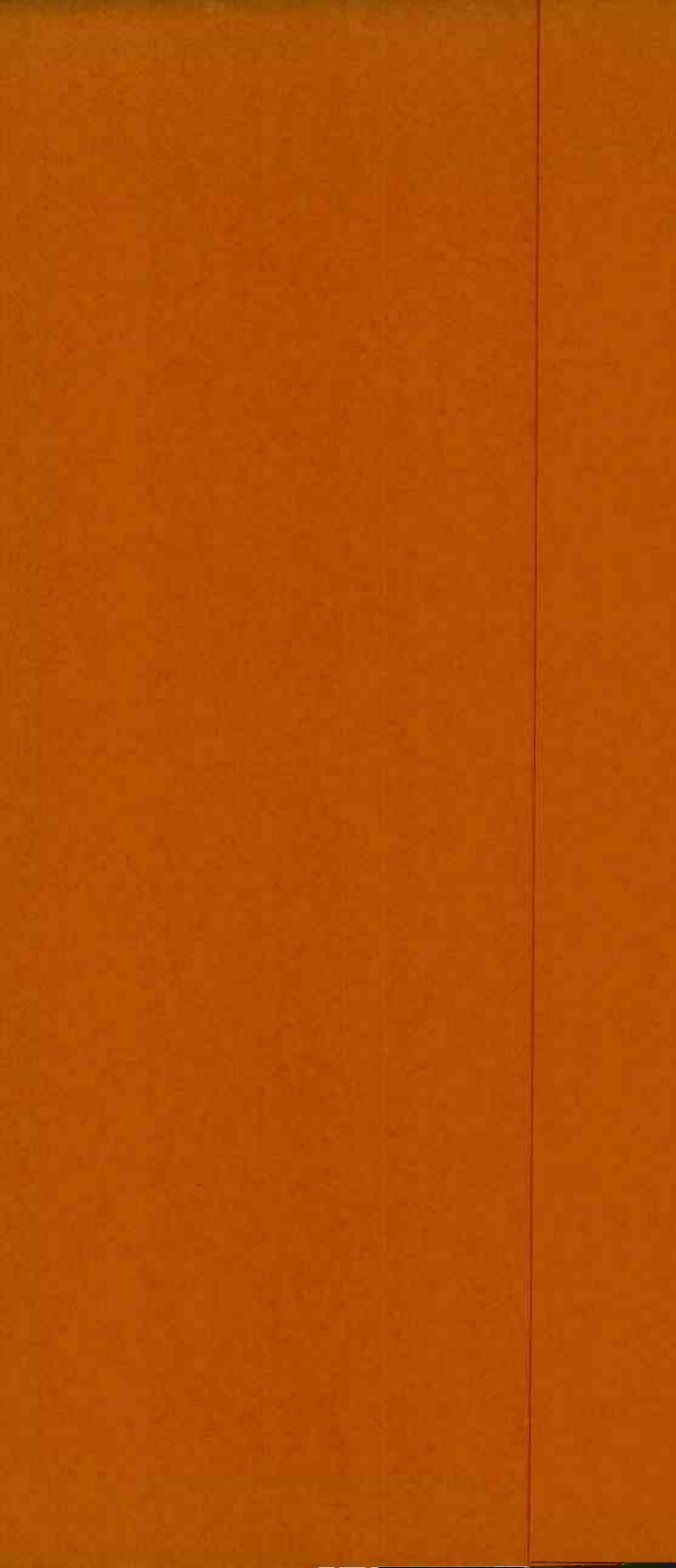
**NILTO
MACIEL**



**CINCO
POEMAS**

**EDITORA
GUARARAPES-EGM**
Jaboatão, Pernambuco
2002





**NILTO
MACIEL**



**CINCO
POEMAS**

cilhões
estribos
bridas
cabecadas nenhuma;
coube-me este não ter
que fazer dos pés
das mãos
de mim mesmo.

Não me legaram
uma parabélum
um clavinote
de bom atirar
espingarda velha
que fosse;
ficou-me esta fúria
contida
de tocaiar a fala e o grito.

Não me cederam a
botija enterrada
no fim do quintal
sequer moeda de dez réis;

*semblante poético
que me faz
não dizer nada.*

*Não me restou
um chapéu de couro
de sol
do chile ou fino
de massa; cederam-me
esta incerteza
com o tempo que há de vir.*

*Não me sobrou
um cavalo ruço
pedrês
torto ou castanho;
deixaram-me
este trote manco de quem
anda perdido e a esmo.*

*Não me herdaram
pares de esporas
cangalhas*

“...
Meus olhos
mudos
só vislumbram
vagas
doida babel
de tempestades
feita
monstros marinhos
oceano largo.

Meus olhos
surdos
só conseguem ver
cantos de dor
de morte
e solidão
e minha própria
imensidão
de ser.”



DESABAFO



Il profumo di un uomo che ama la vita, la natura, la musica, il cinema.

Para Edinardo

Un profumo di uomo che ama la vita, la natura, la musica, il cinema.

*Não me cederam
uma rede de tucum
onde pudesse descansar
minha paz; coube-me
esta pressa de ir
para não ruminar
minha dor.*

*Não me ficou
um pente de chifre
com que pudesse
amansar a revolta;
herdaram-me
esta cabeça pesada
de tanto sonhar
com partir.*

*Não me tocou
um tinteiro de louça,
sequer uma pena de prata
com que pudesse
escrever um bilhete;
legaram-me este*

o primeiro
canto do galo
eu bebia
o fel da manhã
que minha mãe
me impingia.

À comprida
mesa da ceia
eu mordia
o pão do silêncio
que minha mãe
me doava.

Ao toque
das ave-marias
eu rezava
o terço da morte
que minha mãe
debulhava.

Eu virava
bicho-papão
na treva da

*casa sem-fim
que minha mãe
dirigia.*

*Agora
no meio da vida
eu canto
pra me despertar
feito galo de quintal.*

*Agora
no meio da ceia
eu teço rabiscos na mesa
feito menino
travesso.*

*Agora
no meio da dor
eu rezo orações
esquecidas
feito devoto qualquer.*

*Agora
no meio da noite
eu grito
a palavra perdida
feito visagem no escuro.*

*Não me deixaram
crucifixo d'ouro
ou de madeira
carcomido; tocou-me
esta descrença doida
em todos os santos
e santas.*

*Não me herdaram
relógio de algibeira
ou parede; restou-me
esta monotonia
de ver o tempo
correr pelos dedos.*

*Não me legaram
botinas pretas e pesadas
com que pudesse
amassar o chão de
meus ancestrais;
sobrou-me este canção
de andar ao redor
da macieza no sangue.*

*Não me restou um baú
repleto de
quinquilharias
ou crônicas familiares;
legaram-me
esta busca intensa
de novidades e velharias.*

*Não me sobrou
mala de pregaria ou mocó
de couro de ovelha;
cederam-me
esta aparência
de cidadão
de bons princípios.*

*Não me coube
espelho de gaveta
que me lembrasse
a vaidade;
ficou-me esta surpresa
diante de minha
tristeza.*



MINH'ALMA
É RIO

*inh' alma é rio
correnteza
fúria
águas e pedras
e um destino
- mar.*

*Serenamente
desce ou brame e
ulula e
se perdendo
além se vai achar.*

*Escorre
feito sonho
adolescente
saltita e corre
- pândego menino -*

ão me ficou
um latifúndio
pedaço de capitania
nem uma pequena gleba;
deixaram-me
esta vontade besta
de andar léguas
e léguas.

Não me tocou
uma casa-grande
nem mesmo
uma choupana
no meio da mataria;
herdaram-me
esta solidão
noturna e cotidiana.



HERANÇA

*faz rodopios
como uma serpente
rega o destino
- Nilo e peregrino.*

*Minh'alma é rio
em selva originado
um refúgio de
mitos isolado
que em mares turvos
se deságua e inunda.*

*No entanto
é espelho onde
se mira e afunda
como um Narciso
que se apavora
e por si mesmo e
pelos outros
chora.*

tocou-me
este credo de pobre
de acreditar
num mundo melhor.

Não me deixaram
uma vaca só
e seu chocalho
insistente;
restou-me esta
tristura de boi
a caminho do matadouro.

Não me coube
uma negra banto
ou jovem e morena tapuia
que me fizesse cafunés
e me lavasse a alma;
sobrou-me esta
solidão de alcova
que me faz
perder o sossego
no meio do sonho
e da vida.

sia-protesto, 1992, e *Alma Gentil, Novos Sonetos de Amor*, 1994. Parte de seus poemas apareceu em jornais, antologias e coletâneas resultantes de concursos. *NAVEGADOR* é seu décimo livro, sendo o primeiro de poemas.

Francisco Carvalho, um dos mais importantes poetas brasileiros contemporâneos, no livro *TEXTOS & CONTEXTOS*, dedica um estudo à obra de Nilto Maciel e dele reproduzimos estas linhas: "*Nilto Maciel é atualmente, sem nenhum favor, um dos nomes mais representativos da moderna literatura brasileira. Autor de vários livros de ficção, tem praticado, com igual sucesso, o conto, a novela, o romane e a poesia, revelando a extraordinária versatilidade do seu talento criador. (...) Nilto Maciel é um narrador admirável. Possui todas aquelas virtudes (talento, imaginação, invenção, técnica de narrar e de expor) que de modo algum podem faltar a um bom contador de histórias. O tecido de sua ficção é um complexo engenhoso de conteúdos essenciais. Nunca será demais louver-lhe a extrema habilidade em conduzir a fabulação das narrativas e o desenvolvimento harmonioso das situações ficcionais, muitas vezes transportadas ao plano do chamado realismo fantástico*".

* Texto da orelha do livro *NAVEGADOR* (de onde foram tirados os poemas aqui reproduzidos), Editora Códice, Brasília, 1996.

ILUSTRAÇÕES desta edição:
detalhes de obras do pintor

REYNALDO FONSECA

NILTO MACIEL *

nasceu em Baturité, Ceará, aos 30 de janeiro de 1945. Filho de Luiz Maciel Filho e de Francisca Alves Maciel. Fez os estudos primários no Grupo Escolar Monseñor Manoel Cândido. Em 1958 mudou-se para Fortaleza, voltando no ano seguinte à cidade natal. Retornou à capital em 1960, onde concluiu o curso ginasial.

Em 1964 publicou o primeiro poema num jornal. Em 1970 ingressou na Faculdade de Direito da Universidade Federal do Ceará. Em 1973 publicou o primeiro livro. Dois anos depois criou o jornal literário *Intercâmbio*. Sua dedicação à literatura e ao trabalho fê-lo descuidar-se dos estudos, tendo concluído o curso superior em 1976. Nesse ano criou, em parceria com outros escritores, a revista *O Saco Cultural*. No ano seguinte mudou-se para Brasília, onde trabalhou na Câmara dos Deputados e no Supremo Tribunal Federal.

Desde 1990 edita a revista *Literatura*. Ganhou prêmios importantes, como o "Brasília de Literatura", em 1990, pelo romance *A ÚLTIMA NOITE DE HELENA*, ainda inédito, e o "Graciliano Ramos", em 1993, pelo romance *OS LUZEIROS DO MUNDO*, também inédito. Tem poemas e contos publicados no México, nos Estados Unidos e na França. Na revista *Fonto*, em esperanto, saiu seu conto "Fajro Kaj Lumo". Organizou as antologias *Queda de Braço*, contos, 1977, juntamente com Glauco Mattoso; *Grito, Logo Existo*, poe-



VIGÍLIA



*eterna mulher
habita-me a cama
e se enrosca
em minha solidão
quando
as quatro patas
chafurdam na lama
da escuridão.*

*Outra mulher
estranha
alheia
navega-me a cama
e me encanta a rota
quando os ventos
sopram
na madrugada.*

*eu preciso ser
como os poetas
não como aqueles
que floream tudo
até jardins e
paraísos vãos
mas como
os langorosos
doentios
de almas escuras
e a calvários presos.*

*Ah!
sobretudo quando chove
e o vento sibila e geme
e chora e vai e vem
e mais ninguém me vê
me fala e sente.*

*Oh! eu preciso ver
além de mim
- estrelas
noites
infinitos
deuses -
e fazer versos
como quem se vai.*



LANGOR

*Mulheres
sempre perdidas
enchem-me de
gemidos
a cama
e me saciam
os ouvidos
quando volto
da guerra
coberto de feridas.*

*O telhado da noite
desaba
sobre essa eterna
cama
quando quero dormir
e a tempestade
me colhe.*

**PUBLICAÇÕES DA
EDITORIA GUARARAPES-EGM
EM 2002 ✽**

Anderson Braga Horta

- Inéditos

Demétrio Vieira Diniz

- Quinze Poemas do Passarás

Francisco Carvalho

- Cinco Poemas da Barca dos Sentidos

- Outros Poemas da Barca dos Sentidos

Gonzaga Leão

- Da Casa

Iranildo Sampaio

- Teoria da Última Ladeira /Elogio da Pressa

Irineu Volpato

- Váriavereda

Jaci Bezerra

- Inventário do Fundo do Poço

- Mar de Agosto

José Hélder de Souza

- Dos Gestos de Adeus

Nauro Machado

- Das Órbitas da Água

Otávio Cabral

Do Concerto em Dó Maior

Ruy Espinheira Filho

- A Guerra do Gato

Sânzio de Azevedo

- Três Poemas

Waldemar Lopes

- Sonetos do Tempo Perdido

Wilson Pereira

- Das Pedras de Minas

- Pé de Poesia

Edições não comerciais, de tiragem limitada, para oferta - homenagem aos poetas publicados e a outros amigos amantes da poesia.

